

**O PAPEL DA ANALOGIA  
PARA A DENOMINAÇÃO DE ALGUMAS ÁRVORES  
NO MUNICÍPIO DE ASSIS BRASIL**

*Maria Josineia Arruda Sabóia* (UFAC)

[arrudasaboia@hotmail.com](mailto:arrudasaboia@hotmail.com)

*Antonietta Buriti de Souza Hosokawa* (UFAC)

[antonietaburiti@ig.com.br](mailto:antonietaburiti@ig.com.br)

**RESUMO**

Esta pesquisa tem como principal objetivo iniciar um trabalho de análise sobre o processo analógico para a denominação de algumas árvores, do seringal Icuriã localizado na reserva Chico Mendes, no município de Assis Brasil, no Estado do Acre. Wagner em *Analogia Popular e Poética* (2010) *apud* Ismael Coutinho in Gramática Histórica, afirma que “analogia é o princípio pelo qual a linguagem tende a uniformizar-se, reduzindo as formas irregulares e menos frequentes a outras regulares e frequentes”. Ou seja, a analogia é uma força niveladora, pela qual os fatos mais comuns influenciam os incomuns. Assim, a analogia busca estabelecer uma forma de uniformização de determinados objetos/coisas, desta forma percebe-se que possui uma grande força de criação a qual dá origem a novos vocábulos. É comum as línguas sempre recorrerem à analogia para evitar alguma dificuldade de expressão, para obter mais clareza, para pôr em destaque uma oposição ou semelhança e para conformar-se com uma regra antiga ou nova. Percebemos que a analogia é um dos meios marcantes e usados pelos habitantes daquela região para a denominação popular das árvores, pois muitos nomes surgem através dos processos de associação e analogia ao cheiro, cor, formato, altura, a largura das folhas e a utilidade. Este estudo busca compreender de que formar esse processo de reconstrução está acontecendo e como está sendo percebida pelos moradores daquela localidade. Os dados para este trabalho foram coletados através de entrevistas com moradores daquela região.

**Palavras-chave:** Árvores. Analogia. Construção.

**1. Introdução**

A partir de uma visita ao seringal Icuriã, localizado na reserva extrativista Chico Mendes, alguns nomes de árvores me despertaram a atenção, além disso, a forma como os moradores daquela região faziam o reconhecimento de certas árvores e a maneira como transmitiam esse conhecimento, pois alguns desses nomes são passados de geração a geração buscando facilitar a transferência do conhecimento de um domínio conceitual não familiar para outro mais familiar. Per-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

cebi durante essa visita que vários nomes de árvores têm origem indígena e outras são denominadas a partir da analogia. Como afirma Rodrigues:

Os selvagens, pelo fructo de suas observações, seguiam e seguem um methodo synthetico na classificação das plantas. Designam as espécies por nomes tirados dos caracteres das folhas, das flores, dos fructos, ou de propriedades como cheiro, o sabor, a dureza, a duração a cor, o emprego etc. (RODRIGUES, 1905, p. 9).

Face a essa realidade, esta pesquisa apresenta um estudo léxico-semântico dos nomes das árvores do seringal Icuriã, uma região marcada por particularidades sócio-histórico-culturais, que podem está refletidas no léxico das árvores. Norteia esta pesquisa uma hipótese que merece muita consideração, diz respeito aos fatores da natureza física, já que essas denominações, na maioria das vezes, procuram evidenciar características ao meio físico que o cerca. Os nomes das árvores acreanas, de modo geral, apresentam estratos linguísticos, principalmente, de base indígena, uma vez que os povos indígenas foram os primeiros habitantes da região em estudo. Segundo Nogueira (2007), o legado tupi da flora e na fauna acreana nos permite afirmar que o processo de nomeação das árvores e dos animais foi, em grande parte, determinado pelos índios dessa etnia:

A denominação da flora e da fauna acreana recolhem-se, nesta pesquisa 89 lexias pertencentes á flora e 111 relacionadas à fauna, numa demonstração da grande influência indígena na nomeação do mundo animal e vegetal, aqui no Acre. (NOGUEIRA, 2007, p. 154).

Em qualquer atividade de investigação é imprescindível a definição de critérios, com vista à uniformização de procedimentos que possam ser igualmente entendidos e aplicados por qualquer estudioso. Mas, apesar disso, os critérios de classificação são relativos: dependem do contexto em que são classificados, do momento histórico e das necessidades do homem. Em nossa atualidade é comum autores de livros didáticos, tanto os da área de humanas quanto os de biologia, utilizarem-se de analogias para facilitar o entendimento da classificação dos seres vivos, ou seja, a analogia vem se fazendo presente em vários campos, tanto científico quanto no meio mais comum do dia-a-dia ou até mesmo em conversas, ao tentarmos explicar alguma coisa a outra pessoa ou até mesmo em nossos pensamentos, quando tentamos entender algo novo.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

As analogias eram consideradas, inicialmente, como mero ornamento linguístico, no entanto, vem ganhando *status* cognitivo nas últimas décadas. Autores se referem a ela como facilitador da aprendizagem, uma vez que estabelece relações entre o conhecimento já existente e o objeto a ser comparado, ou seja, o novo “objeto” que possibilita um melhor entendimento e assimilação do novo. Nesse aspecto, as analogias podem significar uma expansão das perspectivas cognitivas, facilitando procedimentos de hipóteses.

O homem vive classificando tudo o que vê. Classificar significa, entre outros aspectos; agrupar, tendo por base aspectos de semelhança entre os elementos classificados. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças em certo número de grupos metodicamente distribuídos. É um processo habitual do homem, pois vivemos automaticamente classificando coisas e ideias a fim de conhecê-las e compreendê-las. Assim, podemos conceber que o acervo lexical de uma determinada comunidade reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia, nomeando pessoas, lugares e coisas. Esse processo de nomeação muitas das vezes se dá por analogia que é o caso de algumas árvores.

Este trabalho, em um sentido mais amplo, objetiva fazer uma análise do recurso da analogia usada para a classificação e compreensão da denominação de algumas árvores do seringal Icuriã, ou seja, a utilização da ferramenta analogia refletidos nos nomes das árvores. Trata-se de um trabalho de resgate histórico-sócio-cultural.

### **2. Analogias: Definições**

Considerando a importância da linguagem metafórica e analógica no desenvolvimento de ideias pelo indivíduo, vários autores têm se dedicado ao tema, por isso encontramos várias definições para analogia.

O *Novo Aurélio* apresenta as seguintes definições para analogia:

Analogia [do gr. *analogía*, pelo lat. *analogia*] pontos de semelhança, similitude, parença entre coisas diferentes. Relação entre dois fenômenos físicos distintos que podem ser descritos por um formalismo matemático idêntico, a qual pode existir entre um fenômeno elétrico e outro

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

mecânico. E em linguística modificação ou criação de uma forma linguística por influência de outra(s) já existente(s). (FERREIRA, 1999, p. 41).

A professora Maria da Conceição em seu artigo “Analogias na educação em ciências contributos e desafios”, utiliza vários conceitos para analogia, os quais são adotados por alguns especialistas tais como:

Originariamente, analogia era um conceito matemático que significava “proporção” (HAARAPANTA, 1992). Contudo, posteriormente, ela desvia-se desta visão tecnicista na medida em que se considera que não corresponde a uma identidade de duas relações, mas antes assegura uma similitude de correlações (PERELMAN, 1993). A analogia não pressupõe, portanto, a existência de uma igualdade simétrica, mas antes uma relação que é assimilada a outra relação, com a finalidade de esclarecer, estruturar e avaliar o desconhecido a partir do que se conhece. Para NEWBY (1987), a analogia é entendida como “um processo cognitivo que envolve uma comparação explícita de duas “coisas”, uma definição de informação nova em termos já familiares, ou um processo através do qual se identificam semelhanças entre diferentes conceitos, sendo um deles conhecido, familiar, e o outro desconhecido (GLYNN, 1991). (DUART, 2004, p. 2).

Na visão desses autores, pode-se dizer que a analogia é um mecanismo de construção de hipóteses baseado nos modelos mentais e esquemas intuitivos acionados pela vontade de facilitar a identificação do objeto.

Observando as definições de analogia supracitadas, observa-se que todos esses conceitos trouxeram contribuições para a evolução dos fundamentos teóricos dessa ciência. Nesta pesquisa, adota-se a definição de Newby (1987), como sendo algo cognitivo em um processo com o qual se identifica semelhanças entre objetos distintos. As concepções e reflexões teóricas apresentadas reforçam a postura sobre a motivação do signo analógico, para quem o ato de nomear envolve não apenas a intencionalidade do denominador, mas também a relação desse signo com aspectos socioculturais ligados ao contexto de um grupo alocado em um determinado espaço geográfico marcado por determinadas características físico-naturais.

As analogias fazem parte de nosso cotidiano na medida em que comparamos algo que é similar. A linguagem apresenta-se como forma de expressão individual de cada ser e é através dela que deciframos os códigos naturais de sobrevivência. Vygotsky (1987) já di-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

zia que o significado das palavras encontra-se em uma estreita linha entre pensamento e linguagem, ficando difícil dizer se é um fenômeno da fala ou do pensamento. Mas, há de se ter clara a diferença entre pensamento e fala exterior. Os dois processos não são idênticos, sendo que cada um apresenta uma estrutura, e a transposição do pensamento para a fala não é tão simples. Ao contrário da fala, o pensamento não consiste em unidades separadas. Por isso:

Um interlocutor em geral leva vários minutos para manifestar um pensamento. Em sua mente, o pensamento está presente em sua totalidade e num só momento, mas na fala tem que ser desenvolvido em uma sequência. Um pensamento pode ser comparado a uma nuvem descarregando uma chuva de palavras. Exatamente porque um pensamento não tem um equivalente imediato em palavras, a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado. Na nossa fala há sempre o pensamento oculto, o subtexto (VYGOTSKY, 1987, p. 128).

Como foi mencionado antes, os índios também utilizam a analogia como ferramenta para denominar as coisas, Bessa Freire no livro *Rio Babel* nos prestigia com alguns exemplos de analogias utilizadas pelos tupinambás, logo que eles mantiveram os primeiros contatos com os europeus. Os indígenas nomeavam com nomes tupis certos objetos e animais domésticos desconhecidos por eles, faziam analogia para tentar dar conta da nova realidade:

Boi e vaca foram denominados de *tapyira* (anta); cachorro passou a ser designado pela palavra *iauara* (onça); tesoura recebeu a denominação de piranha (peixe) vinha é *caryua* (cauim de branco). (FREIRE, 2004, p. 68).

Muitas vezes, essas analogias auxiliam a aprendizagem/compreensão dos nomes das árvores na região de Assis Brasil, pois utilizam referências do cotidiano do morador daquela região e tornam a denominação mais acessível.

A seguir, apresentaremos uma lista com algumas espécies de árvores encontradas na região de Assis Brasil. Essa lista está organizada da seguinte forma: nome popular, nome científico, serventia/utilidade. As informações sobre a serventia e utilidade foram repassadas pelos informantes, moradores do seringal Icuriã, reserva Chico Mendes. Esta lista está organizada em colunas com nome popular, científico, origem e analogia.

|   | Nome Popular | Nome Científico | Origem | Analogia |
|---|--------------|-----------------|--------|----------|
| 1 | Apuí         | Picus SP.       | TU     | -        |

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

|    |                    |  |       |                            |
|----|--------------------|--|-------|----------------------------|
| 2  | Amarelão           | Aspidosperma vargasii. A DC                    | -     | Cor madeira                |
| 3  | Açacu              | Hura crepitans L                               | TU    | Óleo tóxico                |
| 4  | Apuruí             | Rutáceas (Albertia edulis e Albertia sorbilis) | TU    | -                          |
| 5  | Aguano / querosene | Swietenia macrophylla king                     | LAN   | -                          |
| 6  | Angelim            | Andira inermis                                 | -     | -                          |
| 7  | Andiroba           | Carapa guaianensis                             | TU    | Óleo amargo                |
| 8  | Azeitona           | Myrcia SP.                                     | AR    | -                          |
| 9  | Barriguda          | -  | NI    | Barriga                    |
| 10 | Bacuri             | Rneedia brasiliensis mart                      | TU    |                            |
| 11 | Bofê de anta       | Cavanillesia SP.                               | NI    | Bofê da anta               |
| 12 | Breu branco        | Protium heptaphyllum                           | NI    | Cor da madeira             |
| 13 | Bálsamo            | Myroxilum balsamum                             | LT    | -                          |
| 14 | Biorana branca     |  | -     | Falso abiu                 |
| 15 | Bordão de velho    | Calliandra SP.                                 | NI    | -                          |
| 16 | Catuaba            | Erythroxylum catuaba                           | TU    | Capaz                      |
| 17 | Cajuzinho          | Catneda acuminata                              | NI    | Caju                       |
| 18 | Canafístula        | Peltophorum dubium                             | TU    | Tube                       |
| 19 | Cedro              | Cedrela odorata                                | LT    | -                          |
| 20 | Cumaru de ferro    | Dipteryx odorata                               | TU    |                            |
| 21 | Cumaru cetim       | Apuleia molaris                                | TU    |                            |
| 22 | Cumaru de cheiro   | Toresea acreana                                | TU    |                            |
| 23 | Copaíba            | Copaifera multijuga hayne/langsdorffii(spp)    | TU    |                            |
| 24 | Cajazeira          | Spondias lútea l                               | NI    |                            |
| 25 | Castanheira        | Bennoneua excersa H.B.R.                       | NI    |                            |
| 26 | Cajuí              | Anacordium giganteum hamock                    | NI    | Caju                       |
| 27 | Cajá               | Spondias lutea L.                              | NI    |                            |
| 28 | Caucho             | Costilla ulei warburg                          | TU    |                            |
| 29 | Caripé             | Hi   | TU    |                            |
| 30 | Pata de vaca       |  | NI    | Folha igual a pata de vaca |
| 31 | Figo               | -  | LT    |                            |
| 32 | Gameleira          | Ficus SP.                                      | NI    |                            |
| 33 | Guariúba           | Clarisia racemosa ruiz et pav                  | TU    |                            |
| 34 | Ingá               | Ingá SP.                                       | TU    |                            |
| 35 | Ingá-ferro         | Ing SP.  | TU    |                            |
| 36 | Itaúba             | Mezilaurus itauba (meissn) taub.               | TU    |                            |
| 37 | Jenipapo           | Genipa americana                               | TU    |                            |
| 38 | Jatobá             | Hymenaea courbaril                             | TU    |                            |
| 39 | Jacareúba          | Calophyllum SP                                 | NI+TU | Jacaré +árvore             |
| 40 | Jutaí              | Hymenaea oblongifolia                          | TU    |                            |

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

|    |                      |                                    |    |  |
|----|----------------------|------------------------------------|----|--|
| 41 | Louro-bosta          | Ocotea SP.                         | NI | Cor+cheiro   |
| 42 | Limãozinho           | Zanthoxylum rhoifolium Lam         | NI | Limão  |
| 43 | Lacre                |                                    | NI |  |
| 44 | Maçaranduba          | Manilkara surina mensis (mig)dus   | TU |  |
| 45 | Mulateiro            | Calycophyllum spruceanum benth     | NI | Cor  |
| 46 | Macacaúba            | Platymiscium ducyú aub             | TU | Árvore do macaco   |
| 47 | Mulungu              | Erythrina glauca                   | TU | -  |
| 48 | Maxixeiro            | -                                  | NI | Maxixe+eiro  |
| 49 | Mamão-jaracatiá      |                                    | TU | -  |
| 50 | Maparajuba           | Pouteria SP.                       | TU | -  |
| 51 | Matamatá             | Eschweilera odorata (poepp)        | TU |  |
| 52 | Mororó               | Bauinia SP                         | TU |  |
| 53 | Morototó             | Didymopanaxmorotoni dcne ET planch | TU |  |
| 54 | Pau d'arco/ipê       | Tabebuia SP                        | TU | Árvore cascuda   |
| 55 | Pau-arara            | Sickingia SP                       | NI | Quando flora, as araras e periquitos vão comer as flores |
| 56 | Pau-alho             | Gallesia gorazema moq              | NI | Cheiro   |
| 57 | Samaúma              | Ceiba pentandra                    | TU |  |
| 58 | Samaúma dura "preta" | Ceiba samauma                      | TU |  |
| 59 | Sangue de boi        | -                                  | NI | Cor do leite   |
| 60 | Sino                 | -                                  | NI | Formato das frutas                                       |
| 61 | Sorva                | Cuma macrocarpa barb Rodr.         | LT |  |
| 62 | Seringueira          | Hevea brasiliensis                 | NI |  |
| 63 | Sapota               | Matisia cf cordata humb e bonpl    | -  |  |
| 64 | Vaquinha             |                                    | NI |  |

**LISTA 1. Algumas espécies de árvores do município de Assis Brasil**  
**Fonte: Levantamento de campo (2010)**

De algumas espécies de árvores, que constam na tabela, não foi possível encontrar o nome científico correspondente. Quanto à origem, alguns termos, estão classificados conforme a origem de língua *tupi*. Com relação aos termos de origem não indígena constatamos que foram feitos pelo homem que habitava na mata: caboclo, seringueiro, mateiro e colono.

Para facilitar a compreensão utilizamos as seguintes siglas:

AR = Árabe

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

LAN = Língua indígena da América do Norte

LT = Latim

NI = Não indígena

TU = Tupi

Com relação à denominação das árvores, pude observar que muitos nomes surgem a partir do processo de associação e analogia, essas denominações são feitas a partir de suas características: aparência, cheiro e utilidade. É possível citar, por exemplo, a árvore louro bosta, constatamos que essa árvore foi assim denominada devido a dois fatores: primeiro a cor da madeira que apresenta uma cor amarelo-tostada e o cheiro; pois exala um odor muito forte e desagradável semelhante ao odor de fezes, devido a essas características ela recebeu essa denominação. Além desta espécie de árvore, foi possível constatar que outras árvores também recebem denominações devido aos fatores como: ao cheiro, a cor, folhas, o seu formato quanto à altura e largura.

### **3. Considerações finais**

Gostaria de enfatizar que essas informações são ainda muito insipientes, pois trata-se de uma primeira visita ao município de Assis Brasil, as informações foram coletadas a partir de conversas com moradores daquela região, ou seja, mais especificamente pessoas da reserva extrativista Chico Mendes, seringal Icuriã.

Na análise sobre as analogias presentes nas denominações das árvores do município de Assis Brasil, constatou-se que as denominações por analogia estão presentes no cotidiano dos moradores daquele município e constituem uma importante ferramenta para a construção e auxílio do reconhecimento/conhecimento, na tentativa de auxiliar utilizando-se de fatores comuns ao seu cotidiano, que são elementos facilitadores da aprendizagem.

No presente trabalho, não se objetivou, de forma alguma, apontar somente os pontos positivos, mas que sirva de escopo para uma reflexão da importância da gênese nesse processo no uso das analogias, pois se tem ciência de que as representações analógicas

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

contribuem para a aprendizagem no momento em que obedecem a critérios na sua utilização, fazendo uso de elementos significativos para o leitor e estabelecendo limites para o análogo. Por ora, esse resultado confirma a hipótese de que as referidas denominações foram feitas com o auxílio da ferramenta analógica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Henrique José Borges; SILVA, Idelfonso Generoso. *Lista de espécies florestais do Acre: ocorrência com base em inventários florestais*. Rio Branco: Embrapa, 2000. (Embrapa Acre. Documentos, 48).

DUARTE, Maria da Conceição. *Analogias na educação em ciências: contributos e desafios*. Conferência apresentada no II Encontro Ibero-americano sobre Investigação Básica em Ensino de Ciências, Burgos, Espanha, 21-24 de setembro de 2004. Disponível em: <[http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol10/n1/v10\\_n1\\_a1.htm](http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol10/n1/v10_n1_a1.htm)>. Acesso em: 09.12.2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Totalmente rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, José Ribamar Bessa. *Rio Babel: A história das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. Traduzido por: Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MASTRANGELO, João Paulo Santos. *Distribuições diamétricas de árvores utilizando a função weibull em florestas aberta com bambu e com palmeiras no município de Assis Brasil – AC*. 2005. 35 f. monografia (Especialização no Curso de Engenharia Agrônômica) Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2005.

NOGUEIRA, Jane de Castro. *O legado tupi na flora e na fauna acreanas: contribuição para o ensino da língua portuguesa*. 2007. 177 f. Dissertação (Mestrado em ciências da Educação)- Universidade Autônoma de Asunción UAA, 2007

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. 5.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ed. Campinas: Pontes, 2003.

RODRIGUES, João Barbosa. *A botânica – nomenclatura indígena*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.

RIZZINI, Carlos Toledo. *Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia brasileira*. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 1978.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 1987.